

OS ÍNDIOS OMÁGUAS, DO AMAZONAS, ENSINARAM AO BRANCO O USO DA BORRACHA (Uma página de Robert Southey)

O país fronteiro, entre o Napo e o Guararái, que confluem quarenta léguas abaixo da terra dos Encabelados, possuiam-no quatro tribos, das quais afora o nome nada mais se refere. Oitenta léguas abaixo da sua junção cabem estes rios no Uçaiali, então chamado Tunguarágua, e sessenta léguas mais adiante coloca Acuña a tribo dos Omáguas. Deste povo alguma coisa ouvira Orellana, pois que fala dum cacique chamado Aomagua, e fácil era o equívoco entre o nome do chefe e o da tribo. Provavelmente não estavam estes Índios ainda então assentados sobre a margem do rio. Não se diz que ele os visse, que, se o fizesse, mal lhe podia haver escapado a singular deformidade artificial com que das outras nações se distinguiam.

Conseguiram-na, apertando a testa e o tóutico às crianças entre duas tábuas, com que tornavam perfeitamente chatas as cabeças, operação cujo fim era procurar a maior semelhança possível com a

lua cheia, para eles o ideal da beleza dum rosto humano. O crânio por consequente desenvolve-se para os lados, semelhante a mais uma máfeita mitra do que cabeça humana.

Atualmente têm caído em desuso estas táboas de compressão, contentando-se aqueles selvagens com moldar a cabeça à força de espreme-la entre as mãos. Desta prática se chamam eles a si próprios Umanas, que quer dizer cabeças chatas, palavra que os Espanhois escreveram Omagtás, e pela mesma razão os Portugueses os chamaram Cambebas na lingua tupi. Ainda mais singular se tornava esta moda por trazerem as mulheres tanto cabelo, que lhes ocultava a deformidade.

Com razão se poderia supor que prática tão desnatural os tornaria estúpidos; tão longe porém estavam de ter com esta distorção sofrido desarranjo algum intelectual, que tanto as relações mais antigas como as mais modernas concordam em representá-los a tribo mais civilizada, racional e dócil de toda a margem do rio.

Não muitos anos depois da viagem de Orellana, alguns destes Índios, que transplantados para a província de Quixos de baixo do domínio espanhol, fugiram nesta direção por acharem intolerável o jugo haviam achado aqui o grosso da sua nação, e lhe comunicado as artes aprendidas de seus antigos senhores. Cultivam e preparam o algodão de que tecem pano de tão variadas cores, que outras tribos cobicando-o pela sua beleza, se entregam a ativo tráfico com eles para obtê-lo. Andam ambos os sexos decentemente vestidos; rude mas inconvenientemente feitas, são suas vestes um saco com aberturas para os braços. Armas lhes são a seta e o pau de arremesso. Matam o mais valente dos seus prisioneiros, não para devorá-lo, mas para se livrarem dum inimigo perigoso; os cadáveres atiram-nos aos rios, guardando por troféus as cabeças. Aos outros, que poupam, tomam extraordinário afeto, e se alguém lhes propõe vender um cativo, ofende-os a proposta como coisa monstruosa que não podem ouvir; de tudo o mais se desfariam, mas nada pode induzi-los a vender uma criatura humana.

Embriagam-se com duas ervas, uma chamada floripondio pelos espanhóis, outro curupá na própria lingua deles; vinte e quatro horas dura a embriaguês, e visto dizer-se que produz estranhas visões, deve assemelhar-se à do ópio. Da curupá fazem uma espécie de rapé, que tomam por meio dum junco bifurcado, inserindo os dois braços nas duas ventás, e sorvendo depois o pó com ridículas visagens.

Foi dos Omáguas que nos veio o caoutchouc, ou goma elástica. Foram os portugueses do Pará os primeiros que lhe aprenderam a serventia; dela faziam sapatos, botas e até vestidos, tornando-a a sua impenetrabilidade da maior utilidade num país, onde tão a miúdo se viaja por pantanais. Serviam aos Omáguas de siringas para as dores desta goma, uso que só nestes últimos anos foi conhecido na Inglaterra. E é costume entre eles apresentar uma a cada hóspede no princípio dum festim.

(HISTÓRIA DO BRASIL de Robert Southey, páginas 260, 262, e Volume Segundo, 1949, Bahia)